



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Cobre, 38-A, 2.
Lisboa - PORTUGAL
End. teleg. Talhoba - Lisboa • Telefone: ?
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A situação dos jornais

As companhias papeleiras, no intuito de mascararem a sua descabelada ganância, justificam os ininterruptos e assentes elevados aumentos de preço do papel com a alegação da carestia da pasta, matéria prima que importam do mercado estrangeiro, subida de salários dos operários que trabalham nas suas fábricas e aumento de despesa causado pelo cumprimento da lei das 8 horas de trabalho.

Basta recordar, para se verificar o fundamento de tais alegações, que sempre que as referidas companhias anunciam um novo aumento no preço do papel, a justificação é ordinariamente a mesma: elevação do preço da pasta, salários mais altos e horário de trabalho.

Não temos elementos seguros para ajuizar quanto há de exagero na primeira razão que se aduz — nem as companhias nos dizem quanto pagam a mais, talvez para não nos assustarmos... — admitimos mesmo que sejam tão pouco previdentes que sabendo, como elas de resto o afirmam, que de dia para dia a aquisição da pasta lhes fica mais cara, não importem grandes quantidades, para o que lhes não faltam capitais. Admitimos isso que é, tratando-se, como se trata, de capitalistas, admitir o absurdo.

Já o mesmo não sucede todavia em relação às duas outras razões invocadas, que não correspondem à realidade. Assim, quanto à primeira, diremos que se é certo que os salários do pessoal que trabalha nas fábricas de papel foram aumentados, como o tem sido, por motivo idêntico, os dos trabalhadores dos outros ramos, a verdade é que o não são todas as vezes que as poderosas empresas agravam o preço do artigo que fornecem à imprensa, porque se assim sucedesse seriam os operários papeleiros os mais bem pagos, e não sabemos que não são, antes foram através de todos os tempos os mais mal remunerados, acrescendo a circunstância do trabalho da mulher ser largamente explorado nessa indústria, especialmente na fábrica do Prado, onde em 1914 encontrámos muitas operárias cujo salário não ia além de trinta centavos e que hoje não atinge um escudo, despeito de estarem sujeitas a um trabalho violento e anti-higiênico.

No que respeita à última alegação das referidas empresas, ela é tanto inconsistente como as anteriores, porque dando de lado que as companhias papeleiras compram a rigor a lei do horário do trabalho, é isso não está averiguado, só na ocasião em que se efectuou a passagem do antigo para o actual horário é que houve uma perturbação no serviço e consequente acréscimo de despesa, com o que aliás as companhias papeleiras nada sofreram materialmente, antes ganharam, porque foi o consumidor que pagou, com juros dobrados, as diferenças.

Porque veem então as companhias papeleiras, sempre que se lhes pregunta a razão do constante agravamento do preço do papel, esconder o que é ganância desmesurada com o pretendido aumento de pasta, os salários e o horário de trabalho?

Se fosse possível averiguar-se com segurança a quanto montam os lucros das companhias papeleiras, que à data da guerra forneciam papel à razão de oito centavos o quilo e em breve vão fornecer a mesma quantidade ao fabuloso preço de dois escudos, — o que atinge 2000 por cento — ver-se-ia que o negócio do papel é hoje, em Portugal, um dos mais altamente rendosos, graças à desalmada exploração a que se presta, por estarem em campo apenas algumas fábricas cujas empresas se entendem admiravelmente.

Entretanto...

Entre tanto a imprensa assiste serenamente às consecutivas extorsões que sobre ela exercem as companhias de papel, limitando-se a produzir débeis queixas, iam sumidas e tam fróxas que não fazem a mais leve mossa às poderosas empresas. A imprensa portuguesa submete-se docilmente a todas as descaráveis exigências que lhe são feitas pelas companhias de papel, porque são poderosas, só despertando, só accordando para resistir às reclamações dos que nos jornais exercem a sua actividade, não hesitando em responder com o lock-out a tais reclamações, aliás perfeitamente defensáveis ante o agravamento das condições de vida.

E' isto que *A Manhã* não vê ou não quer ver num artigo que ontém publicado a propósito do que no nosso edi-

NOTAS & COMENTARIOS

Isto vai mal Que isto não vai bem sabemo-lo nós, sabemos que trabalham e passam a sua fome muito à súcava. Quando às vezes nos permitemos tratar com um pouco de mais energia a situação angustiosa que atravessamos, chamam-nos bolchevistas. No entanto os nossos inimigos sociais vão repetindo de quando em quando a nossa ladainha. Vejam o que *O Mundo* de anteontem dizia de passagem no seu artigo de fundo:

Vive-se num país a sacate, respira-se podridão e escâncavo, vive-se numa atmosfera de indisciplina, de suspeita, de miséria e baixa-se sem nome... E é assim que vamos vegetando — morrendo lentamente — nós, nação rica — mas esfarrapada e miserável, enquanto meia dúzia de homens o guizam ou o povo o deixam...

Batatas Disse o governo demissário, ao impor o regime da ordem e dizerem todos os governos e partidos que o operário com o salário que tem, vive num mar de rosas onde navega à vontade, sem perigo de naufragar.

Não há azeite, não há feijão, não há massas (das que se comem ou das que se gastam) e já anunciam que dentro em pouco não haverá batatas.

Ainda dizem que o operário vive bem com esta falta de tudo inclusive de batatas. Contra isto... batatas!

Crô ou morres Não é a primeira vez; anteontem repetiu-se. Foi à passagem da guarda republicana, a tal guarda que constitui o esparto dos nacionais e faz abrir a boca aos estrangeiros. A bandeira portuguesa também é, se a junção de dois panos de cores diferentes infunde respeito a muitos que lhe tiram o chapéu reverentemente, para outros, como para nós, é um espetáculo banal o tremular desses paninhos nacionais, que, segundo dizem, representam o país.

Pois, ao passar a bandeira da guarda encontrava-se no Rossio entre a multidão respeitosa um indivíduo para quem a bandeira não passa de um trapo. Pois, um alferes tolerante retirou-se da forma e deu duas cutidas no tal pacífico cidadão.

Dois oficiais americanos que ali se encontravam ficaram espantados, não do facto de haver alguém que não cumprimenta a bandeira, mas de existir um oficial que sai da forma para... cumprimentar os trausantes.

Realmente a guarda é a admiração dos estrangeiros.

A hora é... A hora é de trabalho e produção! — exclama o rico proprietário, após o jantar, o acionista ao receber os rendimentos, o parlamentar quando tem falta de assunto, os jornais para aumentarem a venda, os ministros quando mangam connosco, o lavrador que deixa a terra inculta, os economistas ao prever a banca-rota, os oficiais do exército quando dão o seu giro pelos cafés, os estudantes que pensam em patrícios resurgimentos...

Ao verificar a quantidade enorme de parasitas, avver-se a pobreza franciscana do país, a exclamação é fatal: — a hora é de trabalho e produção!

O que para si tem trabalhado e produzido em palavras!...

Festas de caridade O Século (da noite) bate o record das notícias mundanas. O munidismo é um mundo artificial, onde se vive o que se sente, mas o que a moda ordena. Dita esta muitas futilidades e ninharias que se praticam sem devação, mas com muita vaidade. A filantropia é uma das futilidades que a moda tarifa. ¿Porque se sente realmente pelos desherdados? Não, porque a coberto da caridade há o gosto, o prazer de bailar, pular, jogar o ténnis e fazer flir. Flir: maneira convencional de se praticam livremente poucas vergonhas amorosas. Mas o supremo prazer é a notícia no jornal sob o título sugestivo, *Ecos da sociedade*. Ali se descreve a festa minuciosamente, mas a crónica não fala dos pobres porque isso não importa. O que interessa é que a paródia seja descrita pelo cronista mundano com os adjetivos e orações retumbantes, tais como «magnífico parque», «senhoras da nossa aristocracia», «elegantíssimas festas», «enchantadoras crianças», «interessantes invenções», «gentis meninas da nossa primeira sociedade» etc.

O que é farcante «a nossa prima sociedade!»

Uma grande vitória bolchevista

NAUEN, 18.—A Agência Telegráfica de Breslau recebeu no dia 16 um comunicado oficial polaco, firmado por Pilsudski, segundo o qual os ofensivos polacos contra os bolchevistas fracassaram completamente, perdendo os polacos numeroso material de guerra sobretudo artillaria. Os bolchevistas conseguiram cercar por completo o exército polaco.

Notícias posteriores, enviadas ao chefe da propaganda polaca do plebiscito, indicam que os polacos perderam 165 canhões. Ficaram desbaratados dois regimentos de cavalaria e caíram 30.000 soldados em poder dos bolchevistas. Estão eminentemente tomada de Minsk.

Os polacos retiram em toda a frente desde Dunaburgo até Podolsk. Os fugitivos procedentes da frente de Kieff fizeram numerosos relatos do ocorrido naquela frente, onde reinou o pânico entre as tropas polacas. Em vista de estes acontecimentos, as autoridades de Varsovia decretaram o estado de sitio na capital da Polónia.

Ferroviários do Sul e Sueste

Como fora anunciado, realizou-se em Faro uma reunião dos ferroviários do Sul e Sueste, tendo sido resolvido que se oficasse à Associação pedindo a indicação dos nomes dum comissão de melhoria, terá 175 votos no Reichstag não podendo, por isso, viver sem o apoio dos socialistas. — Ha-

rá ainda pendentes negociações relativas à pasta dos estrangeiros para a qual o partido popular propõe o ministro da justiça de Saxe von-Nortitz. O ministro Fehrenbach terá 175 votos no Reichstag não podendo, por isso,

que deve ser discutida e aprovada pelas delegações de Beira.

Casa Branca e Faro.

UM NOVO CRIME DA REACÇÃO

Os mineiros de S. Pedro da Cova

SÃO NOVAMENTE JULGADOS NO PORTO — A DECISÃO DO JÚRI É APAIXONADA — AGUARDA-SE A SENTENCA

PORTO, 19.—Sob a presidência do dr. sr. Américo Claro; e como os dois lavradores queixosos pouco confiavam na acusação oficial, apresentaram um quodíssimo mineiro de S. Pedro da Cova, presos à ordem da reacção sionista-monárquica daquela localidade. O delegado do Ministério Público foi o dr. sr. Bernardo Lucas.

Depõem as testemunhas de acusação, que se contradizem

As testemunhas de acusação, na maioria empregados dos queixosos, aparecendo até um filho desles, iam, destava, pouco atarrachadas; todavia, fôraram incorrentes, contraditórias. Não se sentiam bem, falavam cabisbaixas, como quem dâ, a mês, um recado tomado na escada. Silabavam maquinamente. Denotaram, pois, os assistentes, que o propósito de perder os desgraçados de S. Pedro Cova jamais afrouxaria; um ataque ao contrário, roubaria de intensidade. Segundo as testemunhas, António Martins Ferreira, António Martins e Joaquim de Almeida França, eram os comandantes dos assaltos efectuados, em 6 e 7 de dezembro de 1917, em S. Pedro da Cova, aparecendo, como o Deus lendário, em todas as partes ao mesmo tempo, a dirigir o ataque, a imporem as suas opiniões, a forçarem todos as portas, a ameaçarem toda a gente, a proclamarem a morte dos lavradores. Umas, afirmaram que andavam de machado, principalmente António Martins, por ser um homem robusto, corpulento, forte — porque se fosse franzino, fraco, doente, voltariam as suas atenções para o mais só do bando; outras, disseram, comprometidas, que ma-

nobravam alvíão, cacetes, navalhas, todo um vasto arsenal mortífero capaz de destruir uma população inteira... Os

réus — eram sempre os mesmos em todas as acções — limparam tudo, puderen levar mil, cento, utensílios de lavradora, roupas, deixando só as paredes de pé. Foi uma coisa semelhante ao incêndio. Andava a multidão com os acusados, mas só estes é que se locupletavam, ao contrário do que se provou no primeiro julgamento, em que as teste-

munhas, as mesmas, por assim dizer, afirmaram que todos roubavam menos os incriminados. Os reus, ou antes, al-

guns dos reus eram gente de má toada, fadistas, desordeiros, o terror da fre-

gueira, havendo um até que estufeteou um *camarada*, quando duma greve

nas minas, por ele a querer traír. Falou-se também nuns tiros dados sobre a guarda republicana e na explosão du-

mas bombas.

E' claro que todas as acusações contra os julgados não foram feitas dum modo concreto, pálpavel, iniludível. Quasi todas as testemunhas falaram

orientadas pelo *consta*, disse, corre na

localidade, na boca de toda a gente.

As testemunhas de defesa afirmam que os assaltos foram devidos à fome — Os reus eram considerados

As testemunhas de defesa foram mais expeditas, mais francas, mais desenvolvidas, mais inteligentes mesmo, e tam inteligentes, e iam expeditas, que a acusação particular declarou a uma das que tinha a língua muito desembapada... Para as testemunhas de defesa, os reus eram excelentes chefes de família, viviam do seu trabalho exclusivo, nunca foram desordeiros nem manejaram armas, com o consentimento da polícia e da guarda republicana, que em parte também colaboraram nos ditos assaltos, toda a gente de S. Pedro ficou na crença de que o governo derrotou os assaltos, boato que corria de boca em boca com prodigiosa rapidez. Os sinos tocaram a rebate, o povo julgando tratar-se de fogo, reuniu-se como é costume. E' então que em face da notícia dos assaltos e da crença de que o governo derrotou os assaltos, o povo se lançou na ação, num acto de desespero, de protesto contra os açambarcadores, contra os gananciosos lavradores que, embora dissessem não possuir cereal, algumas buscas efectuadas antes pela autoridade foram descontinuadas grande existência de escondidos. Todos — afirmaram as testemunhas unânime — fizeram parte dos assaltos uns, como simples espectadores, outros, incitando, embora não tivessem coragem para levar o valor de um centímetro, e para elas era assalto, de que lhes faltava em casa, para o sustento dos seus. E o cereal apareceu depois, em grande abundância.

Provou-se, pois, que os reus, se entraram nos assaltos, foram impelidos pelos acontecimentos. Como o delegado do ministério público perguntasse

o que se tornou a guarda republicana, que andaram no meio da multidão, e a fôr-

ma armada, a pé e a cavalo, assistiu imparável ao desenrolar dos acontecimentos.

«Serão ladrões aquela gente limpa, o oficial, os polícias, os militares e os guardas republicanos? Não, positivamente. Ora os assaltos em S. Pedro da Cova foram uma consequência dos sucessos do Porto, que se alastraram, a animar os comerciantes armazémistas. Um oficial do exército foi visto com um bacalhau debaixo do braço. Polícias, militares e até guardas republicanos andaram no meio da multidão, e a fôrma armada, a pé e a cavalo, assistiu imparável aos outros presos por delitos comuns. E' porque o povo e os marinheiros simpatisaram com estes homens, que não são ladrões, mas vítimas dum perseguição. O povo e os marinheiros são ladrões? Não são.

Condenar os acusados como ladrões, é lançar um labúm infame sobre todos os quais se contavam muitos estudantes militares da escola de guerra, são gaúchos?

Não são. Quando foi a revolução de Fevereiro, o povo e os marinheiros toaram soltar os réus à cadeia, deixando os outros presos por delitos comuns.

E' porque o povo e os marinheiros simpatisaram com estes homens, que não são ladrões, mas vítimas dum perseguição.

Condalar os acusados como ladrões, é lançar um labúm infame sobre todos os quais se contavam muitos estudantes militares da escola de guerra, são gaúchos?

Não são. Quando foi a revolução de Fevereiro, o povo e os marinheiros toaram soltar os réus à cadeia, deixando os outros presos por delitos comuns.

E' porque o povo e os marinheiros simpatisaram com estes homens, que não são ladrões, mas vítimas dum perseguição.

Condalar os acusados como ladrões, é lançar um labúm infame sobre todos os quais se contavam muitos estudantes militares da escola de guerra, são gaúchos?

Não são. Quando foi a revolução de Fevereiro, o povo e os marinheiros toaram soltar os réus à cadeia, deixando os outros presos por delitos comuns.

E' porque o povo e os marinheiros simpatisaram com estes homens, que não são ladrões, mas vítimas dum perseguição.

Condalar os acusados como ladrões, é lançar um labúm infame sobre todos os quais se contavam muitos estudantes militares da escola de guerra, são gaúchos?

Não são. Quando foi a revolução de Fevereiro, o povo e os marinheiros toaram soltar os réus à cadeia, deixando os outros presos por delitos comuns.

E' porque o povo e os marinheiros simpatisaram com estes homens, que não são ladrões, mas vítimas dum perseguição.

Condalar os acusados como ladrões, é lançar um labúm infame sobre todos os quais se contavam muitos estudantes militares da escola de guerra, são gaúchos?

Não são. Quando foi a revolução de Fevereiro, o povo e os marinheiros toaram soltar os réus à cadeia, deixando os outros presos por delitos comuns.

Notas de além fronteiras

Os ferroviários franceses querem ir para a Rússia

Os governantes e os patrões franceses, embriagados pela manifesta fraude das últimas greves, temem perseguição aos operários com todo o rancor de que são dotados, condenando-os à fome, pois não admitem nas fábricas, oficinas e nos caminhos de ferro, os elementos mais conscientes e activos, que ficaram, por consequência, privados de obter os meios de vida para si e para os seus.

Os ferozios perseguidores correm atrás da satisfação do seu ódio, não reparam que a sua «vitória», que tam perversamente celebram é uma vitória mais que aparente, que o fracasso do grande movimento grevista em que a C. G. T. francesa se emprenhou, foi mais devido ao facto da ideia da «nacionalização», que inspirava o movimento, não interessar verdadeiramente a multidão operária, que pôe sempre toda a sua alma nas acções que representam alguma coisa de reivindicador e de revolucionário.

Por em acção um grande esforço, disperder uma forte energia para deixar tudo quase que no mesmo estado, é pouco para dividir as massas exploradoras.

Desta perseguição resultou, naturalmente, surgiu uma grande tempestade de descontentamentos e de revoltas, cujos efeitos hão de aparecer a seu tempo. De todas as vítimas da repressão burguesa os mais directamente atingidos foram os ferroviários, que constituem o grupo mais numeroso dos despedidos. Vendo todas as portas fechadas, os ferroviários voltaram os seus olhos para a Rússia soviética, resolvendo centenas deles oferecer-lhe os seus esforços de trabalhadores conscientes, dispondo-se a cooperar no levantamento da produção e no aperfeiçoamento industrial daquele país.

Nesta conformidade, os ferroviários de Périgueux, enviaram a Krassine, o enviado dos Soviets que se encontra em Londres, negoclando com o governo inglês o realamento das relações entre os dois países, a carta que passamos a transcrever:

«Périgueux, 13 de Junho de 1920.

Camarada Krassine

A importância das questões que vos retem em Londres impedem-nos, certamente, de seguir detalhadamente o movimento operário em França.

Sou encarregado, pelo Sindicato dos Trabalhadores dos caminhos de ferro de Périgueux, de levar ao vosso conhecimento que, em consequência da repressão patronal sofrida pelos ferroviários em seguida à sua última greve geral, a miséria reina num certo número desta categoria tan útil trabalhadores.

Por outro lado, são muito numerosos aqueles cujo grau de educação social é muito elevado, e que não estão dispostos a servir de joguete a um patrónio ávido de explorar a sua miséria. Em face da intrânsigência patronal, esses camaradas estão prontos a pôr toda a sua força-trabalho e seus conhecimentos técnicos ao serviço da grande Rússia operária.

Sabendo que esta última tem necessidade de locomotivas, vagões e vias férreas, par ceus interessante aportar-nos este estado de espírito.

Nos não exageramos, com certeza, afirmavos-vos que se Companhia e o governo persistem em não querer admitir o pessoal grevista dos caminhos de ferro, seria possível organizar imediatamente uma colónia francesa na Rússia, que seria constituída por alguns milhares de operários e empregados aptos a construir e a instalar oficinas em que eles efectuariam a construção e a reparação do material dos caminhos de ferro.

Périgueux forneceria a essa colónia 500 a 600 trabalhadores, e sabemos que em alguns centros tais como Toulouse, Bordens, Sainte, Tours, Vierzon, Orleans, etc..., estão absolutamente no mesmo estado de espírito.

Sabendo que esta última tem necessidade de locomotivas, vagões e vias férreas, par ceus interessante aportar-nos este estado de espírito.

Nos não exageramos, com certeza, afirmavos-vos que se Companhia e o governo persistem em não querer admitir o pessoal grevista dos caminhos de ferro, seria possível organizar imediatamente uma colónia francesa na Rússia, que seria constituída por alguns milhares de operários e empregados aptos a construir e a instalar oficinas em que eles efectuariam a construção e a reparação do material dos caminhos de ferro.

Périgueux forneceria a essa colónia 500 a 600 trabalhadores, e sabemos que em alguns centros tais como Toulouse, Bordens, Sainte, Tours, Vierzon, Orleans, etc..., estão absolutamente no mesmo estado de espírito.

O secretário geral impedido, O secretário adjunto.

Esta atitude dos nossos camaradas ferroviários franceses, tem uma dupla significação: representa não só um desejo energético de desfazer contra a repressão capitalista, como vem indicar que a uma boa parte dos trabalhadores organizados da França, não lhe é indiferente o que se passa na Rússia comunista, antes desejam concorrer para o seu robustecimento.

Conflito gráfico

A comissão executiva dos quadros dos jornais envia-nos a seguinte nota: «Alem das adesões à Organização de Trabalho e Salários Mínimos—apresentada às empresas jornalísticas em 9 de Abril pela Comissão Executiva, junto da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal—das empresas de A Epoca, O Tempo, O Popular, Jornal do Comércio e das Colónias, A Batalha, O Combate, O Radical, A Pátria, A Situação, O Debate, A Luta e A B.C., regista esta comissão a adesão da empresa do jornal O Mundo, começando o seu quadro a laborar hoje.

O movimento mantém-se agora apenas nos jornais A Capital, A Vitória, A Monarquia, A Manhã, A Vanguarda e A Opinião, cujas empresas ainda não deram a sua adesão, não podendo tipógrafo algum reformar o trabalho naqueles jornais sem determinação desta comissão, que está investida de plenos poderes, que os quadros lhe conferiram em assembleia.

Regista esta comissão a atitude do chefe da Vilória, Joaquim Marques Freire, que deixou de compor os artigos que eram inseridos num jornal da manhã, por isso brigar com as determinações tomadas pelos quadros gráficos em luta.

Trabalhadores

Fede e propaganda

As greves

Fogueiros de Mar e Terra

Reuniu a assembleia magna da classe que declarou a sessão permanente e que se encontra em greve. A Comissão de Melhoramentos, expôs os resultados das «marchas» efetuadas hoje com o ministro do Comércio e as direcções das Empresas de Navegação. O ministro disse que não tinha descurado o assunto, e se ainda o não tinha resolvido, era por aguardar uns esclarecimentos que tinha pedido à administração dos T. M. do Estado e que ainda não tinham sido enviados, marcando para hoje mesmo às 17 horas, uma entrevista com o Conselho de Administração. A direcção da Companhia Nacional disse que a reunião para estudar o aumento e responder definitivamente. A assembleia resolveu manter a sua actitude até que sejam atendidas as suas reclamações; mas resolveu que não paralisasse o serviço nos barcos de pesca, a fim de não faltar o peixe preciso para a alimentação da cidade. Pede-se que ninguém falle.

Mantem-se a dos Inscritos Marítimos

Como os nossos leitores já têm conhecimento, encontram-se em greve os nossos camaradas inscritos marítimos, que reclamam que se respeite, a bordo das suas embarcações, a hora das oito horas. O movimento mantém-se com firmeza e sobre ele recebemos a seguinte nota:

Em virtude da resposta dada a comissão que em nome da Federação Marítima procurou as companhias de navegação, e de acordo com o que foi resolvido na reunião da mesma Federação, esta classe resolveu aguardar a resposta que será dada hoje à comissão, que irá entrevistar o ministro da marinha e os Mocos.

Federación Nacional da Construção Civil.—Bolsa de Trabalho.—Precisa-se dum carpinteiro para ir trabalhar com o salário de \$500. Mais uma vez se convidam todos os operários que não tenham trabalho ou que estejam a trabalhar com salários inferiores à tabela, a viram inscrever-se na Bolsa de Trabalho, pois que a mesma está constantemente a ter pedidos de operários com colocações vantajosas.

Sindicato Único Mobiliário.—Comissão administrativa—Na sua última reunião nomeou o camarada Alvaro de Campos, representante deste organismo no funeral do sindicado João Cordeiro.

Sindicato Único Metalúrgico.—A Comissão administrativa lembra pedida a última vez às Comissões administrativas das Secções de Belém, Almada, Póvoa do Bispo e Oeiras, a conveniência de virem hoje, pelas 20 horas, à sede do Sindicato prestar contas do 1º trimestre e parte do 2º, pois de contrário a comissão vé-se na impossibilidade de apresentar o seu relatório como devia. Deve também comparecer o cobrador da área de Almada, para prestar contas da sua cobrança e para poder continuar a fazê-lo da modo a evitar constantes reclamações.

CONVOCAÇÕES

Sindicato Único da Construção Civil.—Como de costume reúne hoje o Conselho administrativo deste Sindicato, Olhando aos assuntos de urgência a tratar, pede-se a todos os delegados que não falem.

São convidados a reunir hoje pelas 20 horas os seguintes camaradas: Marcelino da Silva, Joaquim Francisco, Joaquim Cardoso, João Caldeira, Alfredo Lopes, Alexandre Assis, José Vieira, António Campos, António Braz, João Maria Lourenço, Manuel da Silva Tinoco, Félix António Fernandes e Vitor Martins.

Secção profissional dos pintores.—Para assuntos de urgência reúne hoje esta secção.

Secção Profissional dos Caboquieiros e Fabrantes de Cal.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, na secção do Alto do Pina, os camaradas das pedreiras e arreiros, para se tratar do aumento de salário, devendo também comparecer delegados desta secção para tratar do assunto.

Constructores de Macadam.—Convida-se a Comissão de Melhoramentos a comparecer hoje, pelas 14 horas, nos Paços do Concelho, para se entender com o presidente da Comissão Executiva, visto o sr. Sousa Neves, vereador do pelouro, não querer atendê-la.

Secção do Beato e Olivais.—Convidam-se todos os sócios a reunir hoje, em assembleia geral, para tratar de assunto de muita urgência.

Fragatários.—Reúnem hoje, pelas 10 horas, para se tratar da situação em que se encontram os fragatários, devido ao conflito travado entre a Companhia Nacional de Moagem e a casa Balmalquela, tendo-se mandado paralisar as embarcações e o serviço de des carga a que estavam procedendo bordo dum vapor carregado de trigo.

Sindicato Único Metalúrgico.—Reúnem hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação do relatório de contas do 1º trimestre e de uma parte do 2º, eleição da nova comissão administrativa e dos cargos vagos na Caixa de Solidariedade; resolver um assunto que se prende com a vida interna do sindicato; nomeação de um delegado à U.S.O. e resolver um assunto de alta importância que se liga com a estrutura da C.G.T. e do jornal A Batalha.

Sindicato Único da Construção Civil.—Comissão de melhoramentos.—Para tratar de assuntos de alta importância, reúnem hoje na sede do sindicato, pelas 20 horas, todos os delegados desta comissão. E' também convidado a comparecer à mesma hora o sr. José Augusto Machado, tarefareiro do Bairro Social da Ajuda, a fim de assistir à respectiva reunião e elucidar esta comissão sobre um assunto que a mesma deseja resolver.

Manufactores de calçado.—Para apreciar a circular n.º 5 da C.G.T. sobre a cota confederal, reúnem hoje, em assembleia geral extraordinária, esta classe, para se pronunciar sobre este magnifico assunto. Rogam-se a comparecer de todos os sócios.

E' convidado o camarada Rozendo José Viana, a comparecer a esta sessão para tratar dum assunto que lhe diz respeito.

Caixeiros de Lisboa.—Não tendo comparecido número legal de associados, fica a mesma transferida para o dia 30 corrente, para igual hora, deliberando com qualquer número de sócios.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa «A Xabreguense».—Na última assembleia geral foi eleito o sr. Manuel Monteiro, para um cargo vago no conselho fiscal, resultando nomeado hoje, pelas 20 horas, uma assembleia geral extraordinária de duas propostas pendentes e uma moção propondo que esta cooperativa faça a sua adesão à Federação das Cooperativas.

As. S. Mutuas Fraternidade Peninsular.

Reúnem-se dia 21 horas, a assembleia geral, para apreciar a circular da direcção aprovando a moção legal da associação, que a mesma transferiu para o dia 30 corrente, para igual hora, deliberando com qualquer número de sócios.

Trabalhadores

Fede e propaganda

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.—Reuniu o Conselho Central com os delegados das classes adherentes a esta federação. A comissão, que tinha sido nomeada para esse fim, den conta dos seus trabalhos junto dos directores da Companhia Nacional de Navegação. O ministro disse que não tinha descurado o assunto, e se ainda o não tinha resolvido, era por aguardar uns esclarecimentos que tinha pedido à administração dos T. M. do Estado e que ainda não tinham sido enviados, marcando para hoje mesmo às 17 horas, uma entrevista com o Conselho de Administração.

Operários chapeleiros.—São convocados a reunir hoje, às 20 horas, a direcção e comissão de melhoramentos a fim de ouvir o delegado do Porto que aqui se encontra, onde veem expor a marcha do movimento naquela cidade. Pede-se que ninguém falle.

Operários chapeleiros.

Operários chapeleiros.—São convocados a reunir hoje, às 20 horas, a direcção e comissão de melhoramentos a fim de ouvir o delegado do Porto que aqui se encontra, onde veem expor a marcha do movimento naquela cidade. Pede-se que ninguém falle.

Operários chapeleiros.

Operários chapeleiros.—São convocados a reunir hoje, às 20 horas, a direcção e comissão de melhoramentos a fim de ouvir o delegado do Porto que aqui se encontra, onde veem expor a marcha do movimento naquela cidade. Pede-se que ninguém falle.

Operários chapeleiros.

Operários chape